

PROJETO FIBRA DA BANANEIRA: Desenvolvimento sócio econômico cultural para o Vale do Rio Itapocu através do artesanato.

Celaine Refosco, Daiana Riechel, Irene Maldini, Maria Elaine Ávila.¹

1. Uma experiência comunitária com a participação do curso de Moda da UNERJ em Jaraguá do Sul - SC.

É visível que nos últimos anos, as Instituições de Ensino Superior têm procurado ampliar seus caminhos sociais. Em seu âmbito, no campo de atuação as IES têm procurado instalar diversos programas de estímulos e suportes entre seus acadêmicos, os quais visam incentivar a participação do corpo docente dentro da realidade em que estão inseridos, dentro da sua realidade social/local, da sua comunidade.

O novo século trouxe para as Instituições de Ensino Superior novos desafios. Busca-se para este novo milênio um modelo de instituição que venha a se dedicar à formação de cidadãos e que utilize processos que objetivem essa ampliação no âmbito social, político e humano, reforçando os laços com a comunidade local e a sociedade.

O simples cumprimento de sua função social não se estende apenas aos papéis comuns de outrora, a universidade atual se encontra inserida dentro de muitas realidades e traz consigo a responsabilidade social de ser um agente transformador e construtor de possíveis novos caminhos sócio-culturais para a comunidade em torno. Não é somente a formação de um determinado profissional que compõe o cartaz das IES, é sua atuação social e humana dentro do futuro campo de trabalho deste profissional que o determina e surge como um diferencial na construção deste novo conceito de Ensino Superior. Terminou-se o tempo em que a universidade e seu corpo acadêmico estiveram restritos

¹ Celaine Refosco- Assessora do curso de Moda da UNERJ, idealizadora do projeto.
Daiana Riechel- Acadêmica do curso de Moda da UNERJ, auxiliou no desenvolvimento do projeto.
Irene Maldini- Docente do curso de Moda da UNERJ- Organizadora do projeto.
Maria Elaine Ávila- Docente do curso de Moda da UNERJ- Auxiliou no desenvolvimento do projeto.

aos limites de seu âmbito comum de atuação. A importância de se trabalhar e principalmente conhecer a comunidade da qual a IES é parte ativa, está em descobrir quais são as nossas particularidades, potencialidades, e principalmente em conhecer e constituir a nossa identidade regional e consequentemente nossa identidade latina.

Visando esse ideal de relação de desenvolvimento social e humano entre academia e comunidade com proposta de autenticidade, nasceu o Projeto Fibra da Bananeira, elaborado pelo curso de Moda do Centro Universitário de Jaraguá do Sul - UNERJ, em conjunto com a EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A, e ainda Secretaria do Desenvolvimento Regional – SDR de Jaraguá do Sul. Essa proposta é uma iniciativa que tenciona o desenvolvimento humano, social e econômico da região produtora de banana/ zona bananicultora, que abrange o município de Corupá, e a localidade de Jaraguazinho, localizada na zona rural de Jaraguá do Sul, norte de Santa Catarina - Vale do Rio Itapocu.

Buscando além do desenvolvimento físico, se faz extremamente necessário buscar o desenvolvimento cultural, visivelmente carente nessas regiões. São comunidades organizadas em torno da produção da banana que acabam formando uma verdadeira rede da agricultura familiar, sobrevivendo do plantio e da comercialização da matéria prima, a qual é fornecedora de quase toda a renda. Trata-se de uma região composta por economia agrícola familiar, resultante da imigração européia do final do século XIX, sobreposta pela indústria ainda nos anos 60 e 70, que mantém forte característica rural, com pequenas propriedades e produção basicamente familiar. A população rural é de 29.413 habitantes e a área dedicada a produção da banana é de 9.456 hectares, com uma produção em 2004 de 243,176 toneladas.

A banana é um dos produtos característicos da região em torno de cujo cultivo se organizam distribuição e outras necessidades. Com a ameaça da “Sigatoka Negra”, doença cuja incidência preocupa os produtores, e o peso do trabalho, especialmente para as mulheres e idosos, associados a baixas de valor no mercado, fez pensar em alternativas. Identificamos desta forma, por um lado carência econômica, social, ambiental e cultural, mas por outro uma matéria prima - fibra da bananeira, que uma vez trabalhada pode minimizar os impactos mencionados. As comunidades estão

organizadas em torno do plantio, colheita e distribuição da banana. Levantamentos realizados anteriormente indicam que a composição familiar média mantém seus membros na bananicultura enquanto um ou dois filhos se deslocam para trabalhar na indústria próxima buscando assim diversidade na economia familiar.

Essa ação coletiva na região tenciona gerar oportunidades de trabalho e renda para as famílias, e ainda, desenvolvimento cultural, para a comunidade local, a comunidade acadêmica e demais entorno social, através das estratégias que envolvem identificação, capacitação, assistência técnica e instrução sobre o que é artesanato, e como torná-lo comerciável. É importante registrar que o grupo formando neste projeto, muitas vezes ignora o seu passado, desprezando assim importante informação relativa à sua identidade cultural, item relevante para o desenvolvimento regional no que tange a expressão de individualidade dentro de um contexto maior, frente à massificação a que nos submete à globalização.

Além deste contexto local há no cenário geral dos bens de consumo da moda e do design uma valorização geral em torno das questões de identidade e sentido de pertencimento, resultado provável da massificação a que somos submetidos dia a dia. É preciso fazer com a fibra da bananeira, produtos que pareçam ser de onde são, e de nenhum outro lugar mais, produtos que além de tudo contem sobre a realidade de quem os fez. Produtos com identidade local.

A partir desta realidade, se constituiu um grupo que está trabalhando com a fibra da bananeira, produzindo peças artesanais. São peças em sua maioria para o lar, decorativas, produzidas por mulheres agricultoras que construíram suas vidas e toda a sua realidade sob a banana, a fruta característica do Vale do Rio Itapocu, e que nesse momento se direcionam para o ramo artesanal, aquele que permite resgatar faculdades perdidas do ser humano, que permite o trabalho com as mãos, aonde a livre criação tem espaço para aflorar e se fazer ouvir.

A formação deste grupo de artesãos é de fato, uma primeira etapa na construção de um novo canal frente ao desenvolvimento social e econômico, que se faz necessário nas regiões produtoras. A proposta de trabalhar com a fibra da bananeira pode significar uma saída para as problemáticas comuns na região, que vão desde a falta de alternativa para

a utilização de um material descartado, até a problemática da carência de educação e das necessidades básicas de desenvolvimento humano, fato que pode ser um agente facilitador em potencial para uma forte imigração aos centros urbanos, já que a zona rural não fornece os subsídios necessários para a sobrevivência.

2. O Projeto Fibra da Bananeira em extensão.

O projeto da Fibra da Bananeira foi idealizado e desenvolvido sob dois momentos. No primeiro momento realizaram-se cinco encontros com o grupo, ministrados no decorrer dos meses de junho, julho e agosto no campus da UNERJ. Nestes encontros, algumas atividades foram traçadas e desenvolvidas, com a intenção de realizar um breve resgate histórico individual e coletivo das comunidades, e também traçar um panorama dos produtos que o grupo já produzia, analisando seus aspectos positivos e negativos. O resgate da história de cada um, representou um primeiro passo no desenhar do quadro histórico da comunidade bananeira. Essa ação foi de suma importância, visto que se trata da história da região do Vale do Itapocu, uma vez que essas pessoas auxiliaram na construção deste pedaço da região norte de Santa Catarina, e deram subsídios para o início de toda a nossa própria história, gerando uma identidade particular, dentro de um espaço e de ambientes particulares, gerando histórias próprias e singularidade incomparável.

Esta foi a primeira etapa da proposta, a seguinte foi desenvolvida em extensão e acontece durante o Circuito de Identidades Latinas etapa Brasil. Um projeto sem fins lucrativos que nasceu para atender as expectativas regionais através de desenhistas apoiados por instituições e empresas da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Colômbia, atraídos por uma visão compartilhada: a evolução da linguagem de desenho com identidade latino-americana e orientada à geração de produtos inovadores com força diferencial capaz de chegar a mercados maiores. Com o apoio da sinergia entre indústria, artesanato, criadores, educadores e futuras gerações de profissionais da região, pretende-se que esta exploração se constitua num catalisador das identidades



que nos constroem, uma experiência criativa da qual surjam expressões estéticas e discursos com conteúdos locais, atrativos para o mundo global.

O projeto instaurou sua presença através de sedes em diferentes cidades latino-americanas constituídas por organizações educacionais e governamentais. Com o objetivo de discutir sobre as questões que norteiam a identidade latino-americana, seu valor no mercado globalizado, e nossa importância como agentes com valor próprio dentro da aldeia global, o Identidades Latinas Brasil abre espaço para a realização de ações e reflexões em busca desses ideais, almejando o encontro das culturas e das identidades individuais e coletivas, utilizando do design, e da moda como um veículo.

Na edição Brasil 2006, o Circuito trouxe como proposta de trabalho, a festa latina – americana, tema que ganhou forma através da utilização da fibra da bananeira, a matéria prima utilizada nas oficinas práticas desenvolvidas durante a semana do evento. Nessa edição Brasil, três oficinas acontecem: Móveis, Objetos e Vestuário. Ministradas por renomados designers do Brasil, do Uruguai e Argentina, as oficinas se desenvolvem nos laboratórios da UNERJ entre alunos, docentes e o grupo artesão de Corupá e Jaraguazinho. Trata-se assim, de promover a integração entre a comunidade produtora de banana e a comunidade acadêmica, através da utilização de um material característico desta região de Santa Catarina, a bananeira.

Além disso, é uma forma de pesquisar os códigos estéticos e as técnicas próprias da região, construindo desta forma a imagem de uma América Latina criativa, inovadora e produtiva, que integra e aproxima universos, e que nesta edição abre espaço para as expressões manuais - o artesanato, que resgata e revaloriza o ser humano como ser criador, que trabalha manualmente e cria, empregando as mãos instrumentos incomparáveis, deixando marcas próprias, ao mesmo tempo que deixa uma identidade coletiva. É o homem e sua cultura expressos na grande liberdade do fazer manual. Uma liberdade que devolve ao ser humano faculdades perdidas e que lhe permite expressar toda a sua singularidade.

Bibliografia

CAVALCANTI, Claudia e MATTOSO, Chico Da Sede ao Pote Editado por Artesanato Solidário, Central Artesol e Comunitas, São Paulo 2003

Redes de agroindústrias de pequeno porte – experiências em Santa Catarina, Ed. Gepla – BRDE, Florianópolis 2004

A palha e o fio de bananeira – Manual de Produção. Editado por ESALQ/ USP, São Paulo, 1999

Síntese anual da Agricultura de Santa Catarina 2003 – 2004 Instituto CEPA/SC Editado por Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural, Florianópolis 2004

RIBEIRO, Berta. O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Ed. FUNARTE- Instituto Nacional do Folclore, RJ, 1983.

SINGER, Paul. O capitalismo- sua lógica e sua dinâmica. Ed. Moderna, São Paulo, 1987.

SILDA, Emilio. Povoação no vale de Jaraguá do Sul. 1983.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. Cia. das Letras. 2ª ed. São Paulo, 1997.

BERGER, John. Modos de ver. Ed. Rocco, 1999.

TELLES, Ricardo. A Saga. Retrato das colônias alemãs no Brasil. Ed. Terra Virgem, São Paulo, 1997.

CHITI, Jorge Fernández. Artesania, folclore y arte popular. Ediciones Condorhuasi, 2003.